

Embrapa
Amapá

**Comunicado
Técnico**



Nº 39, nov/2000, p.1-2

**DANOS DA BROCA DO TRONCO (*Cratosomus sp.*) EM GRAVIOLEIRAS
(*Annona muricata* L.) NO AMAPÁ**

Aderaldo Batista Gazel Filho¹
Jorge Araújo de Sousa Lima²
Antônio José E. A. de Menezes³

A gravioleira (*Annona muricata* L.) é uma espécie da família Annonaceae, nativa dos trópicos americanos, originada no norte do continente, nas Antilhas ou na América Central (Cavalcante, 1996) que vem alcançando importância econômica, sendo sua polpa a mais valorizada quanto ao preço, no mercado de Macapá. Apesar de seu potencial produtivo e econômico, a gravioleira tem apresentado algumas limitações para a expansão de seu cultivo, devido a ocorrência de pragas, notadamente de brocas: broca do fruto (*Cerconota anonnella* Seep., 1830) e broca do tronco (*Cratosomus sp.*).

Em área de cerrado do Amapá, a broca do tronco (*Cratosomus sp.*, Coleoptera, Curculionidae) é o principal entrave à cultura. O ataque da broca do fruto, mesmo causando sérios prejuízos com a perda de uma safra pode ter seus danos atenuados em safras seguintes, entretanto, o ataque da broca do tronco causa danos à estrutura interna da planta, isto é ao lenho, comprometendo a circulação de água e substâncias essenciais à sobrevivência da planta. Gazel Filho & Pequeno (1990) encontraram em uma planta cortada transversalmente a 80cm do solo, 10 galerias que representaram 23,2% da área afetada pela broca. Também em área de cerrado do Amapá, já foi observado plantas de ateira (*Annona squamosa* L.) apresentando sintomas característicos dessa coleobroca.

Lopes et al. (1994) relatam que a broca do tronco é causada por duas espécies de *Cratosomus*: *C. dubius* F. e *C. bombinus bombinus* F. Estes autores apontam que as larvas da primeira espécie permanecem ativas por dois anos, abrindo galerias no interior da planta. A larva de *C. bombinus bombinus* permanece cerca de 100 dias no interior da planta (Junqueira et al. 1996). Pinto & Ramos (1997), relatam que para o gênero *Cratosomus* a larva permanece 100 dias no interior da planta e que alcança a fase adulta depois de viver cerca de 80 dias como pupa.

O objetivo desse trabalho foi relatar danos da broca do tronco da gravioleira em um plantio conduzido em área do cerrado do Amapá.

¹Eng. Agr, M.Sc., Embrapa Amapá, Caixa Postal 10, CEP 68906-970, Macapá, AP. E-mail: aderaldo@cpafap.embrapa.br

²Eng. Agr, M.Sc., Embrapa Solos, Rua Jardim Botânico, 1024. CEP 22460-000, Rio de Janeiro, RJ.

³Eng. Agr., Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.

O experimento foi instalado no Campo Experimental do Cerrado, da Embrapa Amapá, localizado a 0°22' N, 51° W e 50 m de altitude. Segundo Köppen o clima é do tipo Ami, com umidade relativa do ar média de 82%, pluviosidade média anual de 2.500 mm e com período de estiagem entre os meses de agosto e dezembro. A temperatura média anual é de 27°C. O solo da área experimental é classificado como latossolo amarelo, textura areno-argilosa, apresentando na camada de 0 a 20 cm as seguintes propriedades químicas: pH = 5,2; P = 0 mg/dm³; K = 9 mg/dm³; Ca+Mg = 2 mmol/dm³ e Al = 1 mmol/dm³.

As avaliações do ataque da broca do tronco foram feitas através de inspeções, anotando-se o número de plantas atacadas, nos anos de 1993 e 1996. Os dados foram coletados em uma área com 12 plantas dos seguintes tipos: Morada, Lisa, Blanca, Graviola A, Graviola B, FAO II e plantas oriundas da matriz 415 da coleção da Embrapa Amazônia Oriental.

Foi verificada uma diferença acentuada no percentual de plantas atacadas entre os tipos, nos anos de 1993 e 1996, conforme pode-se constatar na Tabela 1.

TABELA 1. Plantas atacadas (%) pela broca do tronco da gravioleira em área de cerrado do Amapá, nos anos de 1993 e 1996. Macapá, 1999.

Genótipo	Ano de observação	
	1993	1996
M-415	50	100
Graviola A	8,33	83
FAO II	16,67	41,67
Blanca	41,67	91,67
Lisa	16,67	83,33
Morada	25	75
Graviola B	8,33	66,67
Média	23,81	77,33
C.V.	15,06	17,64

No ano de 1993, o genótipo M-415 apresentou o maior percentual (50%) de plantas atacadas, seguida pelo tipo Blanca com 41,67%; os menos atacados foram os genótipos Graviola A e Graviola B, ambos com 8,33%. Em 1996, M-415 já apresentou 100% de ataque, enquanto que FAO II foi o menos afetado pela praga, com 41,67%. Entre os anos avaliados, o percentual médio de ataque da broca do tronco para todos os genótipos testados de gravioleira triplicou.

Os altos percentuais de ataque da broca do tronco para os tipos avaliados, sugerem que o cultivo da gravioleira em área de cerrado do Amapá deve ser encarado com precaução, até que medidas eficazes de controle para essa praga sejam desenvolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE, P.B. **Frutas comestíveis da Amazônia**. 6.ed. Belém: CNPQ/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1996. p.109-111.
- GAZEL FILHO, A.B.; PEQUENO, M.R. Broca da graviola. **Informativo SBF**, Campinas, v.9, n.4. p.7, 1990.
- JUNQUEIRA, N.T.V.; CUNHA, M.M. da; OLIVEIRA, M.A.S.; PINTO, A.C. de Q. **Graviola para exportação: aspectos fitossanitários**. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1996. 67p. (SDR. Publicações Técnicas FRUPEX, 22).
- LOPES, J.G.V.; OLIVEIRA, F.M.M.; ALMEIDA, J.I.L. de. **A gravioleira**. Fortaleza: BNB, 1994. 71p. (EPACE. Documentos, 9).
- PINTO, A.C. de Q; RAMOS, V.H.V. Graviola: formação do pomar e tratos culturais. In: SÃO JOSÉ, A.R.; SOUZA, I.V.V.; MORAIS, O.M.; REBOUÇAS, T.N.H., ed. **Anonáceas, produção e mercado** (pinha, graviola, atemóia e cherimóia). Vitória da Conquista: UESB, 1997. p.94-104.